

## ESPERE O CALORÃO PASSAR, VISNIEC E AS FRONTEIRAS DO HOMEM: RELAÇÕES DIALÓGICAS ENTRE OS SUJEITOS ATORES

DENILSON COSSERES FERREIRA<sup>1</sup>; DANIEL SIMÕES FURTADO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – denilsonferre@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – danielfurtado62@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata de um recorte do espetáculo “Território Universal (Espere o Calorão Passar)”, do Núcleo de Teatro da Universidade Federal de Pelotas, uma adaptação do texto “Espere o Calorão Passar” publicado em 2004 na obra *Cuidado com as Velhinhas Carentes e Solitárias* de Matéi Visniec. Pretende-se aqui discutir elementos centrais que emergem das personagens.

Num primeiro momento apresentaremos um pouco do autor, da descrição da obra, dos personagens e da construção da adaptação realizada pelo grupo. Em seguida, trazemos a discussão acerca dos conceitos e categorias abordadas e, na conclusão, o papel do teatro na construção social.

Matéi Visniec, romeno naturalizado francês, nascido em Rădăuți no ano de 1956, é dramaturgo e jornalista e vive e trabalha na França há cerca de 31 anos, desde que ali se refugiou em fuga da ditadura do ditador romeno Nicolae Ceausescu (1918-1989). Inspirado no gênero do teatro do absurdo, cuja base está nas obras de Adamov, Beckett e Arrabal, explorando a solidão do homem, sua incomunicabilidade indo do cômico ao trágico, usando da banalidade como forma de comunicação assim como fez Ionesco em *A Cantora Careca* de 1950, Visniec traz em suas obras uma genialidade transgressora pela qual seus textos não conseguem ficar apenas impressos.

O texto “Espere o Calorão Passar”, Matéi Visniec nos revela duas personagens: “uma mulher que carrega uma criança nos braços” e a “sentinela dos direitos do homem”. No papel da sentinela que guarda o limite entre os territórios (a travessia da fronteira entre a ‘*no man’s land*’ (terra de ninguém) e o ‘território dos direitos do homem’) temos uma personagem burocrata, inflexível, militarizada, cuja ordem é impedir a entrada de qualquer ser que não cumprisse os requisitos estipulados para o traslado. No papel da mãe é apresentada uma personagem refugiada fugindo dos horrores da guerra e que não possuiu nenhum dos requisitos obrigatórios para entrar no território onde os direitos universais do homem são “universalmente reconhecidos e respeitados”. Ela é impedida de entrar neste território por não possuir um “Passaporte válido”.

É a partir desta situação onde uma pessoa – ou um grupo de pessoas – é impedida por uma outra pessoa – que representa um estado, governo ou sociedade – de usufruir livremente de seus direitos, que foram realizadas a discussão e a construção do espetáculo “Território Universal (Espere o Calorão Passar)”.

## 2. METODOLOGIA

Como procedimentos metodológicos utilizamos a análise de texto, discussões e construções de personagens coletivas (de um lado, a sentinela, do outro, os membros do “povo”). No processo de adaptação, buscamos transpor a situação de uma refugiada das guerras dos Bálcãs para a realidade brasileira. A partir das experiências dos atores envolvidos<sup>1</sup>, discutimos de que forma cada um estava alijado deste território onde os direitos eram universalmente respeitados.

Desta discussão foram criados relatos de experiências, que foram inseridos no texto do espetáculo. Tais relatos partiram das vivências de cada integrante que, a partir dos seus locais de fala, isto é, a partir da reivindicação de diferentes pontos de análise, das realidades que normalmente são consideradas implícitas dentro de uma normatização hegemônica (RIBEIRO, 2017), eram evidenciadas como aportes fundamentais para o aprofundamento pedagógico, cuja aproximação das experiências de negação de direitos dos sujeitos envolvidos no processo de elaboração resultou na proposta final do espetáculo.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como dito anteriormente, os relatos de experiências de cada integrante do grupo foi dando aporte e interseccionando não somente o texto, mas também a própria discussão com base nas opressões relatadas:

A Mulher - a negação dos direitos das mulheres ainda é alvo de debate, luta e contestação. Ainda que haja uma falsa democracia de gênero que se espalha pelos continentes com algumas variações, no mundo mulheres sofrem de alguma forma a negação de algum direito; em casos de países como o Brasil, o próprio direito ao corpo e aos direitos reprodutivos, sem contar o direito de existir, é marcado pela violência e o feminicídio. Assim, a colega Evelin, trouxe para a discussão a fronteira do medo, da violência contra mulher, da fragilidade do “sentir-se” segura e da impotência frente a “sentinela” que neste debate torna-se o patriarcado.

O Negro - A construção da categoria raça dá-se com a modernidade e assim, a fundação do capitalismo na forma mais cruel da exploração do homem pelo homem é banalizada quando este perde o status de homem, passa a não ter alma; dessa forma, tolhido da sua condição de humanidade, pode ser explorado sem nenhum pesar ou culpa. Assim a negritude carrega consigo a identidade da subalternidade, da inferioridade, da segunda classe, do não cidadão, portanto, ainda digno dos mais degradantes abusos no campo da negação dos direitos. É, portanto, a minha experiência de homem negro em uma sociedade que vive ainda sobre um mito da democracia racial que constrói o diálogo fronteiro em que a sentinela se torna racista.

O LGBTTQI - A sociedade ocidental cristã tomou como pecado qualquer expressão da sexualidade que não a heteronormatividade. Dessa forma, de

---

<sup>1</sup> Na estreia o elenco foi composto por Denilson Cossere, Evelin Suchard, João Vitor Soares, Thalles Echeverry e Daniel Furtado.

possessão demoníaca à doença mental, comportamentos desviantes, transtornos, etc., foram a pecha que estas pessoas sofreram ao longo dos séculos. A sociedade desde então oscila entre o escárnio, a negação dos direitos civis ao assassinato brutal das pessoas que recusam ao padrão heteronormativo. Assim, os colegas João Vitor e Thalles trouxeram à baila a impotência frente a negação das suas existências<sup>2</sup> em que a cruel e seca fronteira do diálogo com a homofóbica sentinela é a face mais cruel da humanidade.

Dessa forma, o simples objetivo de ultrapassar a fronteira do território dos direitos universais do homem, torna-se algo que nos faz repensar as atuais estruturas sociais de poder existentes, tornando visível parte da sociedade que, por não ter seus direitos e “passaportes” reconhecidos, são impedidos da dita cidadania, relegados à margem da sociedade, portanto, marginais. Tal passaporte é a garantia da isenção da culpa daqueles que são encarregados de fornecê-los, uma vez que os discursos são repetidos ao longo dos anos, contribuindo para o status quo na medida que solidifica as estruturas nos discursos da meritocracia e as normatiza em forma de leis para que cidadãos e os marginais sejam classificados por um sistema que se organiza para que assim permaneça.

Assim, o processo de criação que envolveu sujeitos-atores contribuiu para formação extensionista cuja relação salienta Schoenardie:

A relação entre sujeito e experiência estética produz ressonâncias nos indivíduos envolvidos, contribuindo e agregando valores à sua formação cultural. Cultura, aqui, pode ser entendida como o conjunto de formas que dão perfil a conhecimentos previamente ordenados por um grupo de indivíduos, unido a forma e conteúdo do saber com o qual o sujeito media sua ação sobre o meio, o que acaba por conferir à educação do aluno-ator o *status* de experiência formal (ou estética). (SCHOENARDIE, 2015 P. 33)

#### 4. CONCLUSÕES

Apresentando esta composição, Visniec nos leva a repensar em qual papel estamos inseridos nesta fronteira e entre territórios dos quais ora são validados nossos direitos, ora negados pela simples condição de existir. As ditas minorias sociais (em representatividade política) buscam romper as barreiras visíveis e invisíveis que as condenam. Foram trabalhadas questões das mulheres, dos negros e dos LGBTTTQI por serem as evidenciadas pelos sujeitos do grupo; entretanto, a obra ganha universalidade uma vez que pode ser transportada para outras experiências de marginalização, o que confere potência ao espetáculo.

Dessa forma importante se faz nos localizarmos dentro deste projeto de colonização que ao longo dos séculos impôs lugares específicos para diferentes

---

<sup>2</sup> O termo homoafetividade é inaugurado no Brasil formalmente pela desembargadora Maria Berenice Dias, com a intenção de tipificar o conceito de afeto das relações, com base em evidências de relações duradouras, dos bens compartilhados, dos elos afetivos, da parentalidade e, principalmente, da ausência de leis, mas não da ausência de direitos (DIAS, 2003). A mudança do sufixo sexual para afetividade é apresentada como dispositivo possibilitador de reflexão psicossocial. Concomitantemente, diversas produções científicas vão usar os termos gays, lésbicas, transexuais, travestis, bissexuais, intersexuais, entre outros, pois são as palavras utilizadas por esses sujeitos para se referirem a suas identidades. Surgindo assim a construção da a partir da ótica das pessoas que vivem neste contexto, cria-se a noção cultural e um modo de produção social no “ser” LGBTTTQI (LOMANDO, WAGNER, 2009).

sujeitos. Quem foram os sujeitos autorizados a falar? Quem foram os sujeitos silenciados? Quem foram os sujeitos que usaram como estratégia a concordância do discurso hegemônico como modo de sobrevivência? E se falamos podemos falar sobre tudo ou somente o que nos permitido falar? A reivindicação do local de fala, quem vem se firmado no campo das teorias Decoloniais e pós-coloniais, tanto no que diz respeito ao aspecto político como no aspecto epistemológico do novo modo de fazer ciência produzindo novos saberes.

Sendo assim, a montagem realizada a partir do texto de Matéi Visniec trouxe importante contribuição para os processos formativos na extensão, contribuindo sobremaneira para as experiências que transitam para além dos corpos.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, M.B. **Homoafetividade – o que diz a justiça! As pioneiras decisões do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul que reconhecem direitos às uniões homossexuais**. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2003.

LOMANDO, E. WAGNER, A. **Reflexões sobre termos e conceitos das relações entre pessoas do mesmo sexo** Revista Sociais e Humanas: UFSM. v. 22, n. 2 (2009).

RIBEIRO, D. **O que é Lugar de Fala**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SCHOENARDIE, E. R. **EXPERIMENTO VISNIEC: Articulações entre criação, pedagogia e conhecimento**. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Teatro, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

VISNIEC, M. Espere o Calorão Passar. IN: VISNIEC, M. **Cuidado com as velinhas carentes e solitárias**. São Paulo: É Realizações, 2013. p 23-28.